

RESENHA

LEEUWEN, Theo van. *Multimodality and Identity*. New York: Routledge, 2022. 190 p. ISBN: 9780815349044 (hbk). ISBN: 9780815349051 (pbk). ISBN: 9781003186625 (ebk).

Resenhado por Ofélia Maria Imaculada¹
e João Balbino Silva
Universidade de Brasília – UNB

Recebido em: agosto de 2022
Aceito em: novembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.44706

A obra *Multimodality and Identity*, escrita por Theo van Leeuwen, lançada também na versão Kindle, disponível em língua inglesa, cumpre o propósito de estudar identidade do ponto de vista da semiótica social, destacando e explorando o papel crucial desempenhado pelos modos e mídias multimodais na construção do estilo, entendido aqui como um recurso para expressar identidade. Trata-se de uma obra necessária e urgente, por apresentar caminhos para interpretar a complexidade multimodal das formas de comunicação a que estamos abundantemente expostos, e que moldam e homogeneizam nossas possibilidades interacionais-comunicativas e, ao mesmo tempo, delineiam nossos gostos e desejos, orientando nossos estilos e, por conseguinte, nossas identidades. A obra insere-se no campo da semiótica social e traz os últimos avanços dos estudos sobre multimodalidade, que tiveram início com o livro *Reading Images* (KRESS; LEEUWEN, 2020), escrito em parceria com Gunther Kress, referência na área, estabelecendo, desde sua publicação, uma proposta científica consolidada para as pesquisas voltadas para as formas de comunicação não verbal. Leeuwen situa *Multimodality and Identity* em relação a essa obra inaugural e explica que, enquanto

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília e professora de Língua Portuguesa do CAP-COLUNI - UFV. E-mail: ofelia@ufv.br.
Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília e mestre em Arte Contemporânea pela mesma instituição. E-mail: joaoquarto@hotmail.com.

o livro anterior propunha uma gramática do visual a partir dos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), descrevendo as relações dos elementos da imagem em termos de estrutura sintática da gramática da língua e apresentando um sistema de escolhas binárias, a obra em questão preocupa-se com uma análise distintiva do que o autor chama de parâmetros (cor, forma, textura, movimento e timbre), que oferecem um conjunto de recursos coocorrentes de forma articulada nos textos e artefatos semióticos e apresentam um continuum de opções, possibilitando um foco no estilo.

Nos três primeiros capítulos — “Social Semiotics of Identity”, “Functionality and Identity” e “Analyzing Style” —, Leeuwen estabelece o aporte teórico e analítico para a análise do estilo. No primeiro capítulo, ele constrói a base para as demais discussões, trazendo diferentes conceitos de identidade e respectivos contextos culturais, sociais e históricos com ênfase particular nas identidades ocidentais capitalistas contemporâneas de estilo de vida, que constituem o tópico central desse livro. Para isso, o autor traça um histórico da constituição do conceito de identidade e descreve quatro tipos e o modo como se manifestam semioticamente em estilos específicos: a *identidade social* é definida em termos das relações estabelecidas entre as pessoas, baseadas em uma ordem social pré-existente, e manifesta-se por meio de formas relativamente estáveis e semioticamente ricas de modificação do corpo, vestuário, arrumação e artefatos de decoração e de habitação; a *identidade individual* emerge na Renascença e desloca o entendimento de identidade do estritamente social para o individual, enfatizando a singularidade e a interioridade, bem como características de personalidade e caráter, e manifesta-se por maneiras autênticas e individuais de vestir, falar, escrever e performar músicas; a *identidade de papel social* surge nas décadas de 1960 e 1970 e novamente entende a identidade como social, mas agora — múltipla e mutável em função dos diversos papéis funcionais que desempenhamos na vida social — manifesta-se por formas específicas de vestimenta, arrumação e adereços que caracterizam os espaços institucionalizados em que os papéis são exercidos; por fim, a *identidade de estilo de vida* que também é múltipla e mutável, define-se a partir dos diferentes papéis desempenhados em atividades de lazer ou em padrões de consumo e manifesta-se por formas de vestuário, decoração, acessórios, modificações no corpo que comunicam atitudes e visões de mundo.

No segundo capítulo, o autor discute a distinção entre *design* funcional e *design* de identidade, destacando que ambos coexistem na constituição dos textos artefatos e performances multimodais. O *design* funcional está relacionado ao que um objeto, texto, performance faz, e o *design* identitário está relacionado ao que eles significam em termos de identidade. A funcionalidade de um objeto, como um par de óculos, por exemplo, é fazer ver melhor e ser confortável e fácil de usar, enquanto o aspecto do estilo de identidade relaciona-se com sua aparência e com a aparência, valores

e *status* social que conferem a quem os usa. Os óculos apresentam um *design* funcional semelhante a duas lentes e aro, que se materializa em diferentes estilos. O *design* de identidade trabalha com o estilo das formas, com suas características concretas e observáveis, como forma, cor e textura. Essas qualidades concretas têm um potencial semiótico. As lentes e os aros podem ser redondos, ovais, retangulares, podem ser de cores diversas, podem ser feitos de diferentes materiais. A escolha de um estilo é importante, porque é uma forma de expressão da identidade, uma vez que você pode parecer mais moderna, mais estudiosa, mais séria a depender dos óculos que usa. A ênfase no estilo, segundo o autor, marca uma mudança de foco da funcionalidade para o aspecto semiótico dos objetos, não apenas no mundo do *design*, do vestuário e da arquitetura, mas também em muitas outras práticas contemporâneas, incluindo a produção de textos e a interação social.

O argumento central do autor é que o *design* funcional tende à homogeneização; e o *design* de identidade, à diferenciação. Essa formulação levanta a questão de como eles coexistem na constituição dos textos, artefatos e *performances* semióticas. O autor destaca o princípio de padronização próprio do *design* funcional contemporâneo, e discute a questão do crescimento da “genericidade” ou o surgimento e a intensificação do uso dos chamados *templates*, isto é, modelos de textos construídos no âmbito das tecnologias digitais de produção de texto, como o Word e o Power Point, que constantemente atualizam um grande número de modelos com um formato fixo e previsível de organização funcional que deve ser preenchido pelo usuário, impulsionando, por um lado, a homogeneização do *design* funcional e, por outro, permitindo a diversidade do *design* de identidade com a possibilidade de mudança de imagens, cores e fontes que fazem o *design* do texto parecer bom e agradável, comunicando os valores da pessoa ou grupo que produziu o texto. Leeuwen alerta, de forma bastante pertinente, sobre a construção de estruturas de texto voltadas para o formato em detrimento do conteúdo, usando um mesmo modelo para organizar todos os tipos de conteúdo, como é o caso do PowerPoint, em que os valores da gestão organizacional são introduzidos em outros campos, como a educação, não por meio verbal, mas por meio dos modelos de representação multimodal como parte da tecnologização do discurso (FAIRCLOUGH, 2003). Temos, então, uma comunicação pautada nos princípios de objetividade e síntese de conteúdo com base na construção de cada *slide*, como uma unidade independente, e do predomínio do uso da estrutura título e tópicos, que é predefinida.

A diferenciação, associada ao *design* identitário, remete à distinção, ao gosto e à estética. Esses aspectos, associados ao estilo, embora negligenciados nas teorias da linguagem e da semiótica, têm integrado as formas de comunicação contemporâneas, como os anúncios, cuja estética tem gradualmente permeado outras áreas da comunicação social, levando a uma integração do *design* funcional com o *design* identitário. Isso, segundo o autor, coloca o estilo no centro dos interesses da

semiótica social, culminando nas discussões no terceiro capítulo, em que o semioticista desenvolve meios de analisar como ele funciona nas práticas semióticas contemporâneas. As identidades de estilo de vida diferem dos estilos das identidades mais tradicionais, porque são menos estáveis, e expressam-se por meio de sistemas de sentidos que oferecem potenciais de significado que podem ser entendidos e usados de diferentes formas e em diferentes contextos. O estilo envolve sempre um componente de criatividade que opera tanto no processo de criação quanto no processo de interpretação ou uso dos textos e artefatos semióticos. As pessoas e grupos encontram formas próprias de significar os recursos semióticos ou significantes que são, predominantemente, fornecidos pela poderosa indústria global e conglomerados midiáticos hegemônicos. Considerando esse aspecto de criatividade e subjetividade do estilo, Leeuwen apresenta três princípios bastante plausíveis e coerentes para orientar a análise e interpretação: potencial de significado experiencial, proveniência e contextualização. Nesse ponto, o livro apresenta um guia para aqueles que desejam realizar uma análise da distinção estilística do visual.

Para abordar o potencial de significado experiencial, o autor remonta à teoria da metáfora de Lakoff e Johnson (1980 *apud* LEEUWEN, 2022), que considera a metáfora como um mecanismo fundamental de criatividade semiótica, cujo entendimento está baseado em nossas experiências físicas concretas com nossos corpos, com o espaço e com a interação no mundo e com o mundo. A principal preocupação aqui é com as experiências sensoriais, como cor, forma, textura e som e com os processos criativos e sua ancoragem no contexto. A teoria da abundância de Gibson (1979 *apud* LEEUWEN, 2022) e o modo como ela tem sido pensada na semiótica nos trabalhos de Kress também ajuda o autor a pensar os potenciais de significados a partir da experiência, entendendo que os significantes materiais carregam um conjunto de significados possíveis, dentre os quais produtores e intérpretes selecionam segundo suas necessidades comunicativas. Segundo Leeuwen, essa abordagem descreve adequadamente as formas de produção de sentido, que sustentam o *design* de estilo de vida e destacam a importância da materialidade nessa construção de sentido. Inspirado na análise de Barthes (1977 *apud* LEEUWEN, 2022) sobre o papel da conotação e do mito na cultura popular, o autor destaca a importância da proveniência, isto é, a transferência/importação de um significante de um contexto (um grupo, uma época, uma cultura) para outro contexto, com propósito de significar ideias e valores associados ao contexto de origem em um novo contexto. Essa análise privilegia, portanto, o reconhecimento da origem do significante e requer um engajamento com a história e a cultura. A iconografia de Panofsky (1970 *apud* LEEUWEN, 2022) é referência para o autor desenvolver o princípio da contextualização, ou seja, é preciso conhecer o máximo das circunstâncias em que as imagens contemporâneas e outros artefatos semióticos foram criados, o que implica pesquisa etnográfica e análise da proveniência. É interessante observar a centralidade da

materialidade no processo analítico. Leeuwen deixa claro a importância de considerar os princípios descritos para a construção de argumentos plausíveis e sólidos que sustentem a interpretação dos significados nos estudos dos semióticos.

Nos capítulos 4 a 8, o autor passa a ilustrar essa análise distintiva, abordando forma, cor, textura, movimento e timbre, com foco nos aspectos distintivos de cada um desses fatores e nos potenciais de significado que podem ser atribuídos a esses recursos semióticos, quando atualizados em um contexto e interpretados à luz dos princípios analíticos descritos anteriormente. No quarto capítulo, dedicado à forma, o autor observa as formas para além de sua funcionalidade e ocupa-se com seu significado, frisando que as formas retilíneas ou circulares, por exemplo, são fontes de sentido desde a Idade Média. Há aqui um destaque para a tipografia e uma discussão sobre como as formas das letras podem estar tanto a serviço da funcionalidade e legibilidade, quanto podem expressar identidades. Os aspectos distintivos, comuns na tipografia e em outras práticas do design gráfico, são: curvatura, angulosidade, regularidade, repetição, peso, tamanho, conectividade, inclinação, expansão densidade e orientação. Percebe-se que muitos dos significados potenciais desses recursos vêm de nossas experiências com o mundo natural, material e com o espaço. No quinto capítulo, o foco é a cor que, em termos funcionais, serve para criar códigos de cores com significados em domínios específicos e para criar coerência. Em termos de identificação, os esquemas de cores nas sociedades ocidentais ditas “modernas” sempre foram um recurso identificador de gênero, hierarquia social, classe, etnicidade e religião, e têm sido, nas sociedades ocidentais contemporâneas, recurso importante para expressar gosto e estilo pessoal, especialmente com a maior acessibilidade no uso da cor devido aos computadores e celulares. A preferência por determinadas cores é vista como expressiva de valores de marcas e de estilos de vida, que são fluidos, estão em constante mudança e devem ser interpretados considerando suas referências históricas e culturais e suas características materiais, como valor, saturação, matiz, pureza, luminosidade, brilho, entre outras.

No sexto capítulo, o foco é a análise do aspecto material dos textos e artefatos semióticos, cujos sentidos potenciais, segundo Leeuwen, derivam de nossa experiência corporificada com a materialidade dos objetos, por meio do tato e do paladar. A percepção da textura é sempre uma interação entre ações particulares e qualidades materiais particulares, configurando uma semiótica da ação em que as qualidades materiais dos objetos podem ser entendidas como construção de significado. Além do aspecto experiencial, é preciso considerar também a proveniência e os aspectos distintivos da textura, como rigidez, viscosidade, liquidez, temperatura, relevo, densidade, rugosidade, regularidade, entre outros. O autor enfatiza a função do plástico que constitui um modo e não um meio devido à sua capacidade de assumir a forma de qualquer outro material. O plástico é uma linguagem, um sistema para significar qualidades materiais. Citando trabalhos desenvolvidos

com Caldas-Coulthard (2004), o autor analisa, comparativamente, dois bonecos na mesma faixa de preço (*Sindy* e *Action Man*) para demonstrar como o plástico e o *design* cinético dos brinquedos reproduzem as diferenças dos papéis sociais de gênero intimamente relacionados aos padrões culturais de nossa sociedade. No sétimo capítulo, Leeuwen volta-se para a importância do movimento e da mobilidade como recurso semiótico na constituição de objetos do dia-a-dia e de performances artísticas, vídeos e animações. Segundo o autor, o *design* de identidade busca analisar o estilo do movimento e, por isso, a gradação de características distintivas que necessariamente estão presentes nele, tais como direção, direcionamento, expansividade, velocidade, força, angulosidade, fluidez e regularidade. Por fim, no oitavo capítulo, descreve o timbre e trabalha na semiótica do som, para delinear uma teoria semiótica social da sinestesia, buscando, segundo esclarece Leeuwen (2022) em entrevista, aplicar princípios de orquestração da música a modos não musicais para explicar como forma, cor, textura, movimento e timbre se articulam na constituição dos textos, artefatos e performances multimodais. Ao final da leitura, percebemos que o autor resgata os parâmetros descrito ao longo do livro e fica a sensação de que estava, durante toda a obra, construindo notas que compõem uma sinfonia, revelando que, além de semioticista, também é músico e busca nesta linguagem formas de compreender a articulação dos diferentes modos semióticos.

As análises apresentam um tratamento coerente e envolvente dos parâmetros analisados, enriquecidas por exemplificações, que comprovam a grande abrangência da obra, dada a diversidade de naturezas dos objetos semióticos analisados, como textos, músicas, vídeos, esculturas, pinturas, gestos, vestuários, artefatos de uso diário, dentre muitos outros. Isso alarga o escopo de potenciais leitores/as do texto, posto que articula conhecimento de diferentes áreas, fazendo dela material rico para linguistas, educadores, artistas, *designers*, arquitetos, historiadores e todos aqueles interessados na análise das formas de interação-comunicação contemporâneas. Embora essa obra represente um avanço para a análise das formas de expressão semiótica da identidade, é importante salientar que o autor fala a partir de referências socioculturais ocidentais e capitalistas, tendo em vista o modo como o conceito de identidade é descrito com base no desenvolvimento e avanço das sociedades ocidentais com menção, por exemplo, ao Renascimento. Vislumbramos, então, uma articulação frutífera desse aparato analítico com os estudos discursivos críticos interessados na construção de subjetividades por meio de interações multimodais, isso porque permitiria um olhar situado com relação à questão da identidade, tendo em vista que o discurso e, por conseguinte, a linguagem, bem como os parâmetros apresentados na obra, são formas de ação/interação e, portanto, constitutivos de estilos (FAIRCLOUGH, 2003). Isso permitiria um estudo das formas de identificação globalmente compartilhadas e difundidas pela poderosa indústria global, assim como daquelas construídas a partir de dinâmicas localmente situadas que demandam um olhar sócio-histórico-

cultural para processos de exclusão e silenciamento de formas de ser, como sinalizam os estudos decoloniais (LUGONE, 2014; MALDONADO-TORRES, 2018). Entendemos, portanto, ser interessante expandir o pensamento sobre identidade, problematizando as abordagens mais essencialistas e abarcando perspectivas mais dinâmicas, situadas e processuais com base em uma análise semiótica discursiva.

REFERÊNCIAS

- CALDAS-COULTHARD, C. R.; LEEUWEN, T. J. van. Discurso Crítico e gênero no mundo infantil brinquedos e a representação de atores sociais. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp, 11-33, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277047929_Discurso_critico_e_genero_no_mundo_infantil_brinquedos_e_a_representacao_de_atores_sociais. Acesso em: 16 ago. 2022.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. J. van. *Reading Images*. 3. ed. London: Routledge, 2020.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (org.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 30-88.
- NUNES, F. F.; LEEUWEN, T. J. van; LEITÃO, A. B.; FERRAZ, J. de A.; PINTO, L. N. Multimodalidade e identidade: entrevista com Theo van Leeuwen. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 1740182, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/43041>. Acesso em: 16 ago. 2022.